

# Sumário

## Artigos e Comentários

---

**9 O acordo nuclear com o Irã vai ser efetivo?**

Luiz Felipe Lampreia

O Acordo de Viena sobre o projeto nuclear iraniano evitou as consequências trágicas da hipótese de o Irã, país inserido na região mais tensa do mundo, obter armamento nuclear. Mas três tópicos podem enfraquecer e mesmo inviabilizar o acordo: possíveis ações do Irã para dificultar os processos adequados de verificação de suas instalações e estoques por parte das agências internacionais; uma eficiente oposição interna, tanto nos Estados Unidos como no Irã, aos termos assinados; qualquer perturbação geopolítica causada por agressão de um dos principais atores do Oriente Médio.

**19 Energia nuclear no Brasil e no Irã**

José Goldemberg

Os esforços para evitar o uso e a proliferação das armas nucleares começaram muito antes da primeira bomba atômica ter sido lançada sobre o Japão, em 1945. Embora elas nunca mais tenham sido usadas, as armas nucleares se tornaram importante ativo geopolítico e são consideradas como elemento essencial de intimidação a potenciais inimigos, especialmente em regiões onde as tensões podem, de fato, ameaçar a sobrevivência de alguns países. Em 1967, foi assinado o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares, ao qual dezenas de países, inclusive Brasil e Argentina, aderiram nos anos seguintes. O programa nuclear brasileiro anterior à sua adesão ao TNP guardava semelhanças com o iraniano.

**27 As dimensões regionais do acordo nuclear do Irã**

Itamar Rabinovich

O Oriente Médio é uma das regiões mais perigosas do mundo. A importância do Tratado de Viena, que foi recebido com justificável entusiasmo, não deve ofuscar as repercussões sobre o seu impacto na política regional do Oriente Médio. Quando criticado pelo impacto do acordo na estabilidade da região, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, e o porta-voz da Casa Branca sublinharam que o tratado foi formulado para abranger estritamente as ambições nucleares do Irã. Este é, obviamente, o caso. Mas para os amigos e aliados de Washington na região, o poder do Irã, como o veem, é muito menos ameaçador do que seu arsenal nuclear.

**37 A vez e a hora da diplomacia no Oriente Médio**

Marcos Castrioto de Azambuja

O Acordo de Viena, sobre o programa nuclear iraniano, ilustra a separação entre os que defendem uma solução pacífica negociada sobre o programa nuclear iraniano e os que somente confiam em uma ação armada para submeter Teerã às decisões a serem impostas, em última análise pelos Estados Unidos e por Israel. Este artigo discute sobre os antecedentes próximos e remotos do programa nuclear iraniano e seus efeitos sobre as relações de Teerã com sua vizinhança e com Washington e Tel Aviv. Igualmente trata da incerteza sobre o futuro do acordo, a ser definido pelo Congresso americano e testado pelo cumprimento de seus termos, ao longo do tempo, por todas as partes envolvidas.

**41 O acordo nuclear com o Irã: entre a esperança da paz e o precipício do medo**

Paulo Sotero

O presente artigo descreve o processo que garantiu a preservação do pacto com o Irã no Congresso dos Estados Unidos, a despeito dos esforços em contrário das maiorias republicanas que controlam a Câmara de Representantes e o Senado, apoiadas explicitamente pelo governo de Israel. O texto aborda também a aprovação do acordo pelas várias instituições de poder em Teerã e o início de sua aplicação pelo país, sob a supervisão dos inspetores da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), conforme o cronograma de suspensão escalonada das sanções econômicas, a partir de 2016. O artigo trata ainda das implicações internacionais do pacto, inicialmente positivas, e conclui com uma reflexão sobre seu significado para o Brasil que, com a Turquia, liderou em 2010 uma malsucedida tentativa de mediação entre o Irã e a comunidade internacional.

**53 O acordo nuclear com o Irã: o papel e as contribuições das sanções internacionais**

Marcos Tourinho

O Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou por unanimidade, em julho de 2015, a resolução que pode encerrar uma década de confrontação entre o Irã e o sistema coletivo de segurança. A Resolução 2231 foi o resultado de um longo processo de negociação entre o Irã e o E3+3 sobre o programa nuclear iraniano. Este artigo trata do quanto as sanções econômicas facilitaram esse acordo, ao final de uma década de negociações fracassadas. Apesar de as sanções terem tido profundo impacto na economia do Irã, elas não podem ser consideradas como as responsáveis pelo sucesso das discussões. O acordo foi principalmente o resultado de transformações internas no Irã e nos Estados Unidos, que ampliaram suas margens para um possível acordo. As sanções são efetivas somente na medida em que se subordinam a um processo político e diplomático que priorize o acordo final a preferências políticas marginais.

**65 Veredas da descarbonização**

José Eli da Veiga

Quase todos os economistas concordam que o carvão deve ter um preço. Isso pode não ser suficiente, porém, mesmo que seja alcançado um acordo sobre seu preço mundial. Políticas públicas complementares serão necessárias para impulsionar inovações e novas tecnologias capazes de responder aos problemas dos nossos tempos. O processo de “descarbonização” deverá ser longo e cheio de obstáculos, mas há numerosos exemplos e iniciativas pelo mundo que confirmam ser ele factível. Este artigo trata de alguns deles.

**Comentário****77 Diálogos sobre o clima na ONU em Paris: como chegamos aqui e o que esperar**

Henrik Selin

Os preparativos para a conferência sobre a mudança climática global, a ser realizada em Paris em dezembro, estão se aquecendo paralelamente com o planeta, e os negociadores nos diálogos sobre o clima promovidos pela ONU divulgaram recentemente uma proposta básica de um acordo. O rascunho inclui as peças centrais de um acordo legal que devem ser finalizadas em Paris por quase 200 países. O texto é basicamente um rascunho inicial, cheio de formulações alternativas e disposições indefinidas, mas oferece a ilustração mais clara, até o momento, de que tipo de acordo os países devem encontrar. O documento também traz à luz as muitas questões politicamente sensíveis com que os negociadores terão de lidar em Paris.

**81 Barreiras regulatórias: um novo desafio para a governança da OMC**Vera Thorstensen  
Fernanda Kotzias

O comércio mundial do século XXI traz como principal desafio a eliminação de barreiras mais complexas, menos aparentes e de difícil negociação: as “behind the border barriers”, contidas nos sistemas jurídicos nacionais e resultantes ou não de acordos plurilaterais e megapreferenciais. Nesse contexto, torna-se necessária a adoção de um sistema de metarregulação na Organização Mundial de Comércio (OMC), com o intuito de promover e disciplinar a cooperação regulatória vertical entre seus membros. O sistema de metarregulação será indispensável para, ao mesmo tempo, preservar o direito à autonomia regulatória nacional e evitar que as regras nacionais sejam convertidas em barreiras não tarifárias ao comércio. Sobretudo, impedirá a fragmentação do comércio mundial por falta de governança da OMC.

**93 Geoeconomia: a lógica geopolítica no comércio mundial**

Braz Baracuhy

O artigo busca definir o campo da Geoeconomia e destacar uma dimensão contemporânea central da prática geoeconômica entre as grandes potências internacionais: o comércio mundial. A primeira parte do artigo procura oferecer uma definição da geoeconomia e do seu âmbito de estudos. A segunda parte apresenta um esboço da evolução histórica da geoeconomia, dividindo sua linha evolutiva em quatro gerações, desde o início do século XX até hoje. A terceira e última parte analisa especificamente duas tendências geoeconômicas do comércio internacional contemporâneo: o impasse nas negociações da Rodada Doha da OMC e as negociações dos dois acordos megarregionais liderados pelos EUA – o TPP e o TTIP. As dinâmicas dessas tendências e dos atores geoeconômicos envolvidos, como os EUA e a China, deverão redesenhar o cenário estratégico do comércio global nos próximos anos.

**107 As operações de manutenção da paz e o Secretariado das Nações Unidas**Elias Rodrigues Martins Filho  
Eduardo Uziel

As operações de manutenção da paz são as ações mais efetivas, críticas e de maior visibilidade das Nações Unidas na comunidade internacional. Permanecem como um símbolo da organização e dos propósitos que a construíram há 70 anos. Este artigo se propõe a descrever e analisar o trabalho do Secretariado das Nações Unidas e seu papel nas operações de manutenção da paz e está organizado em cinco partes: a) histórico da organização

do Secretariado, em paralelo às missões de paz; b) descrição e análise de sua estrutura atual; c) exame de seu relacionamento com os mais relevantes órgãos intergovernamentais no campo das missões de paz; d) debate sobre sua atuação na política internacional das missões de paz; e) explicação sobre como essas missões são adotadas e conduzidas.

**137 Os acordos entre a Argentina e a China: presente e perspectivas**

Dante Sica

Será a Argentina capaz de extrair benefícios, não apenas em curto prazo, de todos os acertos e compromissos alcançados com a China, mesmo que tais acordos tenham sido fomentados pela urgente necessidade de compensar a escassez de divisas estrangeiras? Este artigo analisa esse impacto sobre as políticas de desenvolvimento da Argentina, seus efeitos econômicos e políticos em parcerias tradicionais, com o Brasil, por exemplo, e as alternativas que teriam levado a uma negociação diferente.

**147 Medidas técnicas ao comércio internacional: facilitadoras de comércio ou barreiras não tarifárias?**

Carolina Rodrigues Corrêa  
Marília Fernandes Maciel Gomes  
João Eustáquio de Lima

O comércio internacional é benéfico para os países por diversos motivos, entre eles ser fonte de recursos financeiros e proporcionar maior variedade e disponibilidade de bens aos consumidores. Apesar disso, muitos países buscam proteger seus setores menos competitivos através de barreiras tarifárias e não tarifárias. O acordo de barreiras técnicas ao comércio (TBT) visa garantir que medidas técnicas não sejam utilizadas com fins protecionistas. Para verificar se o Brasil está cumprindo o acordo foi estimado um modelo tipo gravitacional, com dados em painel, incluindo as notificações TBT. Os resultados mostraram que, para os setores analisados, medidas técnicas não são barreiras, mas facilitadoras de comércio.

## Passagens

---

**161 Clodoaldo Hugueney Filho (1943-2015) tinha para cada problema dez soluções**

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

**163 Evgeny Primakov (1929-2015), servidor de seu país, a Rússia**

Lenina Pomeranz

## O Mundo na Ficção

---

**167 Retorno a Ítaca**

Laurent Cantet

Maria Hermínia Tavares de Almeida

## Livros e Revistas

---

**171 *The Full Catastrophe: Travels Among the New Greek Ruins***

James Angelos

***Beyond Debt: The Greek  
Crisis in Context***

*Nikos Tsafos*

***The Greek Warrior: How a Radical  
Finance Minister Took on Europe  
– and Failed***

*Ian Parker*

Helga Hoffmann

**179 *Rio Branco: grande estratégia  
e o poder naval***

*João Paulo Soares Alsina Júnior*

Christian Edward Cyril Lynch

**Documentos**

---

**183 *Segurança nuclear científica  
e o Acordo do Irã***

Ernest J. Moniz

**191 *Declaração comum de Irã, Turquia  
e Brasil sobre troca de combustível  
nuclear do Irã***

**193 *Aniversário do Instituto  
Rio Branco***

Luiz Felipe de Seixas Corrêa



## Carta dos editores

A diplomacia obteve uma das maiores conquistas de sua história em julho com o Tratado de Viena, que pôs fim a 12 anos de impasses sobre o programa nuclear iraniano. Abriu, assim, uma vereda para um encaminhamento de solução para um dos grandes problemas atuais do Oriente Médio, que – para não poucos analistas – parecia um labirinto sem solução diplomática.

Nada mais apropriado que esta revista, dedicada ao estudo e ao debate de temas das relações internacionais, dedicasse a este evento um espaço especial. Resolvemos fazer um dossiê para abordar de múltiplos ângulos este importantíssimo acontecimento.

A abertura é de Luiz Felipe Lampreia, ex-chanceler brasileiro, que tem dedicado muito de seu tempo recente à análise dos problemas do Oriente Médio e especificamente da questão nuclear iraniana.

Em seguida, na seção *Documentos*, temos um texto de autoria de Ernest Moniz, secretário de Energia dos EUA, destacado integrante da comunidade acadêmica americana no campo da Física, que foi um dos mais graduados negociadores pelo lado americano do Tratado, e que comprovou a importância da contribuição da ciência para a diplomacia bem-sucedida.

Depois, José Goldemberg, um dos mais respeitados físicos do mundo, especialista em energia nuclear, que trata da história das tentativas de contenção da proliferação nuclear e também, ao comparar o malsucedido acordo de Teerã de 2010 (entre Irã, Turquia e Brasil) com o de Viena, a diferença que faz uma negociação bem embasada cientificamente com outra que só se sustenta na retórica e na política. A pedido de Goldemberg, publicamos na seção *Documentos* a íntegra da Declaração de Teerã para que os leitores possam compará-la à densidade do Tratado de Viena, minuciosamente descrito neste dossiê.

O ex-embaixador de Israel em Washington e grande *scholar* das questões do Oriente Médio, Itamar Rabinovich, nos oferece uma perspectiva regional do Tratado de Viena, que causou tanta tensão nas relações entre os EUA e Israel.

Marcos de Azambuja, com sua enciclopédica visão dos temas internacionais, discorre sobre a relevância histórica desse entendimento, que marca uma espécie de renascimento do prestígio da diplomacia na opinião pública mundial.

O jornalista Paulo Sotero nos dá a visão de como a sociedade e a política americana enfrentaram o desenrolar desse assunto, tão polêmico nos EUA, devido à oposição radical que o Partido Republicano fez à aproximação de Washington com Teerã. O sucesso eventual é mais uma das grandes vitórias do presidente Barack Obama neste seu final de segundo mandato, em que vem acumulando êxitos que nos seis primeiros anos de seu governo lhe pareciam impossíveis.

Para finalizar o dossiê, Marcos Tourinho trata de um aspecto específico, que há muitas décadas desperta discordâncias profundas entre especialistas em relações internacionais: o papel das sanções internacionais em situações extremas, e notadamente neste processo.

Outro tema exponencial das relações internacionais deste ano é o das mudanças climáticas, que também exige a combinação entre diplomacia e ciência. José Eli da Veiga, um dos principais estudiosos desse assunto no Brasil nos dá sua visão original de que não bastará “descarbonizar” o planeta (missão quase impossível por si só) para resolver o problema.

A seu artigo, segue-se um comentário, que o próprio José Eli sugeriu que publicássemos, de Henrik Selin, professor da Universidade de Boston, simples e didático, que nos ajuda a entender melhor a complexidade do problema.

Assunto de permanente interesse desta revista, o comércio exterior, que também vive período de mudanças radicais com a proximidade do TPP (outra grande vitória de Obama em seu fim de governo). Vera Thorstensen, habitual e sempre fundamental colaboradora da revista e Fernanda Kotzias mostram como o comércio mundial do século XXI traz como principal desafio a eliminação de barreiras mais complexas, menos aparentes e de difícil negociação: as “behind the border barriers”, contidas nos sistemas jurídicos nacionais e resultantes ou não de acordos plurilaterais e megapreferenciais.

Braz Baracuchy nos oferece uma abordagem do conceito da geoeconomia e destaca uma dimensão contemporânea central da prática geoeconômica entre as grandes potências internacionais: o comércio mundial.

Eduardo Uziel, que apesar de sua juventude já está se tornando um veterano articulista desta revista, junto com Elias Rodrigues Martins Filho, examina o trabalho do Secretariado das Nações Unidas e seu papel nas operações de manutenção da paz, que são as ações mais efetivas, críticas e de maior visibilidade das Nações Unidas na comunidade internacional.

Dante Sica, ex-secretário de Indústria da Argentina, dá aos leitores sua visão crítica e do maior interesse para o Brasil da intensificação das relações de seu país com a China.

Carolina Rodrigues Corrêa, Marília Fernandes Maciel Gomes e João Eustáquio de Lima também escrevem sobre comércio internacional. Esclarecem como apesar de seus benefícios, como ser fonte de recursos financeiros e proporcionar maior variedade e disponibilidade de bens aos consumidores, muitos países ainda assim resistem a ele e buscam proteger seus setores menos competitivos através de barreiras tarifárias e não tarifárias.

Na seção *Passagens*, a comovente homenagem de Luiz Felipe de Seixas Corrêa a seu colega e amigo (e constante colaborador desta revista) Clodoaldo Huguene. E uma análise da especialista em Rússia Lenina Pomeranz sobre o ministro das Relações Exteriores da glasnost Evgeny Primakov.

Em *O Mundo na Ficção*, nossa conselheira Maria Hermínia Tavares de Almeida, faz a resenha do filme *Retorno a Ítaca*, do diretor francês Laurent Cantet, com roteiro de Leonardo Padura, que aborda os dramas da geração dos filhos da Revolução Cubana, atônitos com os fracassos e sucessos do movimento que mudou para sempre a história de seu país, e que chega ao público exatamente quando outro marco histórico de Cuba ocorre com o reatamento de relações entre Havana e Washington (mais uma vitória tardia de Obama).

Em *Livros e Revistas*, Helga Hoffmann, que sempre nos empresta o calor de sua inteligência, comenta sobre três livros recentes a respeito da tragédia grega contemporânea, que, infelizmente para o Brasil, começa a ser apontada como algo com que o nosso país deveria se preocupar para não chegar ao mesmo estágio de deterioração econômica a que a nação berço da democracia chegou.

Christian Edward Cyril Lynch, professor do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Veiga de Almeida e pesquisador da Fundação Casa de Rui Barbosa faz a resenha do livro sobre a política de Rio Branco à frente do Itamaraty de autoria de João Paulo Soares Alsina Júnior.

Na seção *Documentos*, além do texto do secretário Ernest Moniz e da íntegra da Declaração de Teerã, mais uma brilhante colaboração de Luiz Felipe de Seixas Corrêa: seu discurso na comemoração do aniversário do Instituto Rio Branco.

Esperamos que usufruam da leitura deste número especial.

Os editores